



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

ANDRÉIA SILVA GOMES

**PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPERIÊNCIA E ANÁLISE DO
ESTÁGIO EM PSICOLOGIA ESCOLAR/EDUCACIONAL.**

CAMPINA GRANDE – PB

2019

ANDRÉIA SILVA GOMES

**PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPERIÊNCIA E ANÁLISE DO
ESTÁGIO EM PSICOLOGIA ESCOLAR/EDUCACIONAL.**

Trabalho de conclusão de Curso
apresentado como requisito à
obtenção do título de graduação e
licenciatura em Psicologia, pela
Universidade Estadual da Paraíba.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Laércia Maria Bertulino de Medeiros

Campina Grande - PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G633p Gomes, Andréia Silva.

Psicologia e Educação infantil [manuscrito] : Experiência e análise do estágio em psicologia escolar/educacional / Andreia Silva Gomes. - 2019.

24p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde , 2019.

"Orientação : Profa. Dra. Laércia Maria Bertulino de Medeiros , Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS."

1. Psicologia escolar. 2. Educação Infantil. 3. Estágio supervisionado. I. Título

21. ed. CDD 370.15

ANDRÉIA SILVA GOMES

**PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPERIÊNCIA E ANÁLISE DO ESTÁGIO EM
PSICOLOGIA ESCOLAR/EDUCACIONAL.**

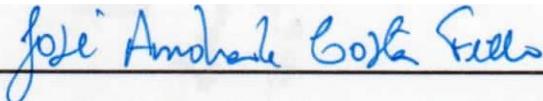
Trabalho de conclusão de Curso apresentado como requisito à obtenção do título de graduação e licenciatura em Psicologia, pela Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovado em 04/12/2019

BANCA AVALIADORA



Profª. Dra. Laércia Maria Bertulino de Medeiros



Profº. Dr. José Andrade Costa Filho



Profª. Ms. Lorena Bandeira Melo de Sá

Campina Grande, 2019

SUMÁRIO

| | | |
|---|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 5 |
| 2 | PSICOLOGIA EDUCACIONAL/ESCOLAR: UM BREVE RESGATE HISTÓRICO..... | 5 |
| 3 | O CAMPO DE ESTÁGIO..... | 11 |
| 4 | DADOS E ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA..... | 19 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 21 |
| | REFERÊNCIAS..... | 23 |

PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPERIÊNCIA E ANÁLISE DO ESTÁGIO EM PSICOLOGIA ESCOLAR/EDUCACIONAL

Orientanda: Andréia Silva Gomes

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Laércia Maria Bertulino de Medeiros

Resumo

O referente trabalho trata-se de um relato e análise da experiência realizada em uma creche pública da rede municipal na cidade de Campina Grande, Paraíba. O público-alvo envolvido foram gestores, educadores, alunos, familiares e funcionários. A experiência aqui apresentada e analisada está fundamentada na Psicologia Escolar. Os instrumentos utilizados foram as observações e diário de campo, as falas dos profissionais da escola, e intervenções. Como resultados, conseguimos identificar a necessidade de um trabalho interventivo alicerçado no fortalecimento dos vínculos sociais e afetivos na instituição, este devendo incluir os principais personagens diretamente implicados no processo educativo. Atentamos ainda para a importância do compromisso social e ético do Psicólogo Educacional na mediação entre escola, família, assim como na ressignificação dos processos de ensino e de aprendizagem.

Palavras – chave: Psicologia Escolar; Estágio Supervisionado; Educação Infantil.

ABSTRACT

This work is a report and analysis of the experience carried out in a public day care center of the municipal network in the city of Campina Grande, Paraíba. The target audience involved were managers, educators, students, family members and employees. The experience presented and analyzed here is based on School Psychology. The instruments used were the observations and field diary, the speeches of the school professionals, and interventions. As a result, we were able to identify the need for an intervention work based on the strengthening of social and affective bonds in the institution, which should include the main characters directly involved in the educational process. We also pay attention to the importance of the social and ethical commitment of the Educational Psychologist in the mediation between school, family, as well as in the resignification of the teaching and learning processes.

Keywords: School Psychology; Supervised internship; Child education.

1. INTRODUÇÃO

No último ano do curso de Psicologia o graduando tem a oportunidade de complementar sua formação acadêmica e de se desprender dos muros da academia e desenvolver um trabalho interventivo junto à comunidade tendo como objetivo proporcionar experiências profissionais que possam ser úteis para nossa futura prática no campo de atuação. Refere-se a um período de aprofundamento dos conhecimentos em que o futuro profissional se dedica intensamente a estudos práticos e teóricos pertinentes ao seu campo de estudos. Nesse sentido, o estagiário busca articular o conhecimento oriundo da formação e das supervisões com as possibilidades de atuação no seu campo de estágio, considerando não apenas o desenvolvimento de habilidades técnicas, mas também uma leitura crítica da realidade.

Neste contexto, o presente artigo visa apresentar e analisar atividades resultantes de todo esse processo de implicação teórica e prática do estágio desenvolvido como estudante de Psicologia Escolar, apresentando a experiência desenvolvida no período de abril a dezembro de 2014 na Creche e Pré-escola Municipal Zeferina Gaudêncio, situada no bairro do Catolé, na cidade de Campina Grande/Paraíba.

A experiência de estágio se organizou da seguinte forma: dedicação de 08 horas semanais aos encontros com a supervisora, onde foram discutidas as principais bases teóricas que nortearam a prática; e 12 horas semanais destinadas a experiência prática na instituição.

Foi realizada uma preparação para estabelecer um compromisso social e da ética profissional, onde foi introduzido os conhecimentos construídos pela ciência psicológica, notadamente, acumulados pela Psicologia Escolar. Didaticamente falando, o desenvolvimento do estágio se dá a partir de quatro etapas, quais sejam: observações no campo de estágio, elaboração da proposta de intervenção, período de intervenções e a apresentação do relatório final. Para tanto, é necessário antes de mais nada discutir passo a passo a função social do estágio e do campo escolhido para intervir.

* Aluna de Graduação em Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. Email: divano_aga21@hotmail.com

2. PSICOLOGIA EDUCACIONAL/ESCOLAR: UM BREVE RESGATE HISTÓRICO

A história da Psicologia Escolar no Brasil pode ser observada desde os tempos coloniais, quando preocupações com a educação e a pedagogia traziam iniciativas sobre o fenômeno psicológico.

Ao longo da história, o processo de desenvolvimento e autonomização da Psicologia no Brasil foi marcado pelas relações que esse campo do saber estabeleceu com a Educação. A partir do momento que os conhecimentos psicológicos começaram a se incorporar nas concepções e práticas educativas, o campo da educação foi se constituindo como fundamental para o reconhecimento dessa ciência como área específica do saber e campo de atuação. (ANTUNES, 2003; BARBOSA, 2012).

Nessa perspectiva, as práticas em Psicologia Escolar foram ocorrendo em sincronia com os esforços da própria Psicologia se fundamentar cientificamente, numa época em que a ciência estava fortemente alicerçada nos parâmetros do positivismo, de

modo que, apenas interessava as investigações dos fenômenos que pudessem ser sistematicamente analisados e quantificados.

O histórico da Psicologia Escolar no Brasil teve início na primeira metade do século XIX a começar do surgimento das escolas normais, a Psicologia era ensinada dentro do curso de formação de professores de educação básica. Netto (2001) compreende este período como a primeira fase da Psicologia Escolar no país. Para o autor, o segundo momento se inicia ao passo em que a psicologia passou a ser ensinada nas universidades brasileiras. Com a ocorrência desses fatos, a terceira e última fase, se iniciaria com o reconhecimento da Psicologia no Brasil no ano de 1962, através da Lei nº 4.119/62.

De acordo com Patto (1997), a história da psicologia do Brasil divide-se em três grandes períodos:

- De 1906 a 1930, já marcado por um modelo europeu, cujo enfoque estava nos estudos de laboratório, sem intervir na realidade.
- De 1930 a 1960, distinguiu-se pelo tecnicismo americano, marcado pelos testes psicológicos voltados para o diagnóstico, predição e controle.
- A partir de 1960, caracteriza-se pela postura adaptacionista do psicólogo, quando este se preocupava em solucionar problemas de aprendizagem e comportamento.

Em 1970, com a publicação da lei nº 5.692, houve o desenvolvimento do sistema educacional, efetivando o crescimento da escola obrigatória e gratuita, com isso, houve um aumento significativo de alunos das mais diferentes realidades. Com o aumento do número de alunos, a diferença nas formas individuais de aprendizagem e de comportamento buscou a atuação do psicólogo na escola, já que as intervenções pedagógicas não completavam as necessidades (GUZZO, 2010; Almeida, 2005).

Segundo Maluf e Cruces (2008) foi sob essa perspectiva, que ao final do século XIX a Psicologia alcançou o seu reconhecimento enquanto disciplina científica.

Pautada nos fundamentos científicos da época, a Psicologia durante o final do século XIX e início do século XX evidenciava a imensa preocupação com a quantificação dos fenômenos psíquicos, e tal forma, que as atribuições dos psicólogos se limitavam a procedimentos meramente técnicos, que se baseavam na mensuração de habilidades e na diferenciação das competências dos indivíduos, com explicações reducionistas acerca das dificuldades de aprendizagem, colocando o indivíduo como principal responsável pelo seu próprio insucesso escolar. (MALUF & CRUCES, 2008).

Diante dessa situação, iniciou-se na década de 1980 um movimento crítico reflexivo a respeito do modelo de formação e atuação do psicólogo escolar no Brasil, este assinalada a importância do compromisso político deste profissional na luta por uma escola democrática e por uma educação de qualidade (SOUZA, 2002).

As críticas derivadas desse movimento evidenciavam a necessidade do psicólogo educacional ampliar suas considerações sobre os fenômenos educacionais, demandando desse profissional o compromisso com a realidade educacional brasileira.

A explicação das atribuições do psicólogo educacional foi algo que, ao longo do tempo, foi se construindo num cenário mundial; contudo, ao analisar-se a situação desses profissionais no Brasil, Guzzo (1999, apud JOLY, 2001) aponta diferentes características em relação a outros países, onde o psicólogo escolar possui funções mais definidas.

Segundo Guzzo e Cols. (2010), as práticas dos psicólogos escolares se mostravam desarticuladas da realidade social, tornando-se inadequadas e ineficientes para apresentar respostas às questões educacionais que lhe eram apresentadas. Essa ineficiência exigia mudanças nos referenciais teóricos e práticos dessa ciência, posto que, se fazia necessário que os psicólogos escolares se questionassem quanto a sua atuação e suas concepções de homem, mundo, educação e sociedade. Expressa-se a preocupação em buscar compreender os fenômenos educacionais em sua totalidade, ou seja, considerando as implicações dos determinantes pedagógicos, sociais, históricos, políticos e culturais sobre o processo de escolarização.

Desse modo, a perspectiva crítica rejeitou o pensamento linear positivista (causa-efeito) que tradicionalmente se baseou na busca de culpados para as explicações relacionadas às dificuldades escolares, ampliando assim, o seu olhar para a análise do contexto social e institucional, dando visibilidade às diversas variáveis que se fazem presentes no processo de ensino-aprendizagem. Nesta perspectiva delineou um novo perfil de psicólogo educacional, psicólogo este que, não mais se contenta com escores descontextualizados, mas que se fundamenta em análises apuradas e críticas acerca das relações que se estabelecem em torno do processo educativo. Portanto, a atuação deste profissional pode incluir intervenções junto ao aprendiz, aos docentes, à família e a toda comunidade escolar. (BARBOSA & SOUZA, 2012).

Após a construção dessas discussões, surgiu a corrente da Psicologia educacional crítica que aponta para a importância do compromisso político do psicólogo com o trabalho por uma escola democrática e de qualidade, o objetivo principal nesse contexto passou a ser o trabalho na prevenção e promoção de saúde, de forma a contribuir com a aprendizagem e com relações saudáveis. Esse contexto remeteria a necessidade de rompimento com teorias adaptativas, o que possibilitaria a construção de uma prática contextualizada histórica e culturalmente. (SOUSA, 2009).

Segundo Joly (2001), a Psicologia Escolar coloca-se a serviço de todos os que estão diretamente ou indiretamente ligados ao processo de desenvolvimento do alunado, mas de modo geral, ao processo de ensino-aprendizagem.

Para Patto (1997), cabe à psicologia escolar se preocupar com o clima institucional e a relação pedagógica expressados na escola através das interações e nas suas relações de poder. Portanto, a psicologia escolar deve captar questões e fatos educacionais. Isto significa que a psicologia deve ser uma psicologia da escola, atuando nela, estudando e considerando o cotidiano da vida dos sujeitos que fazem parte dela.

Hoje, as práticas em que os profissionais de psicologia escolar atuam evidenciam fatores objetivos e subjetivos no processo de ensino-aprendizagem. Considerando o contexto sociocultural onde a escola e as pessoas que fazem parte dela estão inseridas. Analisa-se a importância das relações inter e intra-subjetivas entre professor-aluno, considerando o aluno como sujeito de conhecimento e a escola com o papel social fundamental na formação dos sujeitos nelas inseridos (GUZZO, 2002).

2.1. A Educação Infantil e a atuação do Psicólogo Escolar

A concepção de Educação Infantil tem passado por modificações ao longo dos anos, pois esta vem se constituindo a partir de movimentos sociais, que por sua

vez, geram mudanças no que se refere à visão de criança, de desenvolvimento, de família e do papel da mulher na sociedade. (CAMPOS, 2001).

Nesse seguimento, o surgimento das creches foi permeado por fatores sociais como o desenvolvimento do capitalismo industrial e a entrada da mulher no sistema operário de trabalho. Dessa forma, estas inicialmente estiveram vinculadas ao atendimento das comunidades mais pobres, apresentando um caráter puramente assistencialista, voltando ao cuidado, a alimentação e a segurança física das crianças. (VOKOY & PEDROZA, 2005).

Com início da Idade Moderna, com a crescente industrialização, é que a função de educação e cuidados das crianças deixa de ser preocupação exclusivamente da família, passando a fazer parte dos interesses da igreja, com a finalidade de ensinar às crianças noções morais, religião, leitura e escrita. Com a revolução industrial, uma nova posição da mulher diante a sociedade obrigou-a deixar o trabalho doméstico a serviço de um trabalho remunerado. Conforme Drouet (1997), as mulheres tiveram de optar pelo trabalho, enquanto seus filhos, para não ficarem nas ruas, eram deixados em lugares que tinham a finalidade assistencial de cuidar deles.

A visão assistencialista se manteve por muito tempo imersa na concepção de educação infantil, contudo, passou a ser questionada nas últimas décadas, quanto as suas finalidades educativas, instaurando-se assim, um movimento social e governamental por mudanças na qualidade do atendimento e pela abrangência de aspectos psicopedagógicos, o que resultou no reconhecimento da educação infantil em creches e pré-escolas como um dever do Estado e um direito da criança, legalmente estabelecido na Constituição Federal de 1988. Sendo este direito reiterado pelo Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) em 1990 e pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) em 1996, na qual passou a ser considerada a primeira etapa da educação básica. (CAMPOS, 2001; KRAMER, 2006).

Assim, ocorreu nessa fase da educação um processo de intensas reformulações quanto aos seus objetivos, e esta passou a englobar a educação de crianças de 0 a 6 anos, rompendo com a concepção estereotipada, na qual a creche era compreendida apenas como uma instituição de cuidado as crianças das famílias das camadas populares. Conforme Delvan e Cols. (2002) a Educação Infantil adquiriu finalidades educativas e de formação social, devendo esta possibilitar as bases para a continuidade do aprendizado em outras etapas do processo educativo.

Nessa perspectiva, o olhar sobre a criança também se modificou, passando a ser compreendida em sua totalidade, considerando os aspectos cognitivos, afetivos, sociais, expressivos e simbólicos implicados no processo educativo (VOKOY & PEDROZA, 2005). Esta percepção amplia a visão sobre o aprendiz, uma vez que, evidencia a necessidade de aproximação da realidade da criança, o que pode contribuir para que esta se coloque como personagem ativo na construção do conhecimento, na medida em que, sua cultura passa a ser valorizada no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Almeida (1999) a Psicologia Escolar é uma área da Psicologia que tem solicitado inúmeras reflexões e muitos questionamentos sobre a identidade dos profissionais na instituição educacional.

De acordo com Delvan e Cols. (2002) a Educação na atualidade tem assinalado a necessidade da associação entre a educação e os cuidados infantis, apontando para a importância do contexto sociocultural da criança no processo de aquisição do conhecimento e para a incorporação das brincadeiras como ferramentas que auxiliam na aprendizagem, tendo em vista, que estas atuam no

desenvolvimento de capacidades como atenção, imitação, memória, imaginação, além de outros diversos aspectos relacionados à socialização e interação entre as crianças.

Percebe-se nesse cenário, que as mudanças relativas às finalidades, estruturação e organização da educação básica refletiram diretamente em uma maior preocupação com a criança em si e com seu desenvolvimento, fato este, que possibilitou a abertura das instituições de educação infantil para a inserção de profissionais que pudessem vir a contribuir com as práticas educativas, destacando-se nesse contexto, a atuação do psicólogo escolar (VIEIRA & COLS, 2009).

Desse modo, as intervenções dos psicólogos nas instituições de educação infantil desenvolvem-se sob uma perspectiva preventiva e de otimização do processo educativo, abandonando o seu antigo paradigma, baseado em processos de culpabilização e exclusão dos “alunos-problemas”. De acordo com Souza (1997; 2009) a atuação deste profissional deve estar articulada a promoção de reflexões e diálogos entre os que constituem o processo de ensino-aprendizagem, tendo como principal objetivo a construção de uma escola democrática.

Segundo Marinho-Araújo e Almeida (2005) a atuação preventiva em Psicologia Escolar fundamenta-se em ações como: facilitar e motivar a construção de estratégias pedagógicas diversificadas; possibilitar a reflexão e a conscientização das funções e responsabilidades dos sujeitos; e superar com a equipe escolar as barreiras que se impõe na apropriação do conhecimento.

Assim, o psicólogo na Educação Infantil apresenta um importante papel de mediação, tanto no que se refere à mediação do processo de ensino-aprendizagem, como também à mediação social entre a escola e a família e entre os diversos atores que se fazem presentes na instituição, desse modo, desenvolvendo o seu trabalho em conjunto com os educadores e os que fazem parte da instituição de forma a tornar o processo de aprendizagem mais eficaz e significativo e de forma proveitosa e interessante, para os alunos e os professores e os demais componentes da instituição. A literatura aponta que o psicólogo também tem outras possibilidades de intervenção na educação infantil, abrangendo outros aspectos que compõem este contexto, como a equipe de profissionais, como a proposta pedagógica da creche, visando promover a qualidade, a valorização do ensino, não atua somente visando déficits de aprendizagem dos alunos.

Sob essa perspectiva, o psicólogo não atua apenas diante dos problemas ou dificuldades que surgem no ambiente educacional, mas assume uma postura de colaborador para o desenvolvimento da instituição como um todo. Partindo desse pressuposto, suas intervenções poderão contribuir para a formação dos profissionais que atuam na instituição, desempenhando atividades de auxílio em suas tarefas diárias, por meio de participação em reuniões pedagógicas, formação de grupos de professores para construção da proposta pedagógica e até mesmo em conversas informais no dia a dia (Delvan et al., 2002; MACARINI, MARTINS E VIEIRA, 2009).

A partir do conhecimento do contexto escolar, o psicólogo poderá fazer intervenções em espaços coletivos existentes na escola, em creches, conselhos de classe, coordenações de professores, reuniões bimestrais de pais e mestres, além de criar outros espaços de discussão, como grupos de professores nos quais seja possível à reflexão sobre as práticas pedagógicas, estudos de caso e aspectos intersubjetivos que permeiam o trabalho da instituição.

2.2. Afetividade na Educação Infantil

A temática da afetividade já vem sendo discutida ao longo dos anos entre estudiosos da educação, pedagogos e psicólogos, notadamente, no que se refere às suas implicações no processo de ensino-aprendizagem. Este aspecto da subjetividade humana assume maior relevância na educação infantil, visto que, geralmente as creches e ou/ pré-escolas representam um dos primeiros círculos de socialização onde a criança se insere, ampliando suas relações para além do seio familiar.

As principais teorias do desenvolvimento têm destacado a importância da qualidade das primeiras relações afetivas da criança para um desenvolvimento saudável. As mesmas revelam que a afetividade implica diretamente no desenvolvimento emocional, na socialização, nas interações humanas e, especialmente, na aprendizagem. (SILVA & SCHNEIDER, 2007).

A teoria de Vygotsky destaca a importância da afetividade para o desenvolvimento, ao afirmar que a compreensão do pensamento humano só é possível através do reconhecimento de suas bases afetivo-emocionais, uma vez que, este acredita que as experiências emocionais estão diretamente articuladas a outros processos psicológicos, e principalmente ao desenvolvimento da consciência. Este ainda esclarece que o homem se constitui por intermédio das relações de troca que estabelece com o meio e com os seus semelhantes, de modo que, a qualidade dessas experiências e dessas relações interpessoais se instituem como determinantes em seu desenvolvimento. (VYGOTSKY, 1998 apud SILVA & Schneider, 2007).

No que se refere à afetividade, a teoria de Wallon tem uma das maiores contribuições, pois se dedicou mais profundamente sobre este aspecto. Para este teórico a dimensão afetiva assume posição central, tanto no que concerne a formação do homem, quanto do conhecimento. O ser humano desde recém-nascido utiliza a emoção para se comunicar com o mundo, através da relação que estabelece com a mãe, do choro, de movimentos e gestos carregados de significados afetivos, argumentando assim, que a afetividade antecede o próprio desenvolvimento. Portanto, as emoções em sua teoria adotam um papel preponderante no desenvolvimento infantil, posto que, é por meio delas que o aluno externaliza seus desejos e suas vontades. (MELLO & RUBIO, 2013).

Diante dos pressupostos teóricos aqui mencionados, compreende-se a afetividade tem papel primordial na Educação Infantil, uma vez que, se encontra intimamente relacionada ao desenvolvimento cognitivo do sujeito e também se constitui como instância motivadora para o processo de aquisição do conhecimento. De acordo com Saltini (2008) a criança precisa ser amada, acolhida e aceita, para que então, possa despertar para a curiosidade e o aprendizado.

Assim, é possível perceber a importância do estabelecimento de relações afetivas positivas entre professor e aluno para o processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança. Sentir-se segura e confiante são aspectos fundamentais para que a criança explore o ambiente a sua volta. Nesse sentido, a afetividade não se limita ao carinho físico, podendo se manifestar no pedagógico, na mediação em sala de aula, nas relações sociais estabelecidas com os alunos, na atenção as suas ideias e na forma de elogios, pois pequenos gestos ou palavras também são maneiras de comunicação afetiva. (MELLO & RUBIO, 2013).

3. O CAMPO DE ESTÁGIO

- **Local**

-

O estágio foi realizado na Creche e Pré-Escola Municipal Zeferina Gaudêncio, situada na rua João Pequeno s/n, bairro do Catolé, em Campina Grande – Paraíba. Construída em 1980 na gestão do então prefeito Enivaldo Ribeiro, a creche Zeferina Gaudêncio recebeu esse nome devido a uma homenagem a mestra Zeferina Gaudêncio, que prestou relevantes serviços na área educacional. A mesma faleceu no dia 27 de janeiro de 1979 devido à diabetes e insuficiência renal, conforme consta nos arquivos da creche.

Desde então oferece ensino infantil a crianças da comunidade, na faixa etária entre 2 a 6 anos, sendo assim constituída por turmas do maternal e do pré-escolar.

- **Infra-estrutura**

-

A estrutura da Creche Municipal Zeferina Gaudêncio possui uma boa estrutura física, verifica-se que a mesma passou por uma reforma o que possibilitou uma melhoria na sua estrutura, tanto no que se refere à divisão do espaço da instituição, assim como na conservação e manutenção (limpeza do ambiente).

Foram realizados levantamentos diante das condições físicas da creche/pré-escola, além disso, sobre as relações sociais que eram envolvidas direta ou indiretamente na construção educacional. Em um segundo momento, foi realizado um estudo junto à instituição, buscando aprofundar-se acerca da realidade da creche.

A instituição conta com quatro salas de aulas bem espaçosas, duas salas adaptadas para as turmas de maternal e duas salas para as turmas de pré-escola. A creche/pré-escola possui três banheiros (dois são inseridos nas salas dos maternais), uma sala de repouso com camas e colchões, ar-condicionado.

A sala de leitura é bastante ampla e bem equipada, com materiais didáticos, televisão, aparelho de DVD, mesas e cadeiras (adaptadas). Muitos livros, fantoches, fantasias, brinquedos e som. Em relação aos espaços livres, verificamos que existe uma espécie de pátio coberto e uma grande caixa de areia, ambos ambientes destinados ao recreio dos alunos.

No refeitório encontramos mesas e cadeiras adaptadas para as crianças, e ainda uma televisão e um som. O cardápio das refeições é construído por uma nutricionista vinculada à secretaria de educação.

Além disso, a creche conta com uma rouparia, onde as fardas dos alunos são guardadas, cozinha e área de serviço.

Com relação às atividades administrativas a creche conta com uma sala de direção e a sala da coordenação.

- **Discentes/ Funcionamento**

-

A creche Zeferina Gaudêncio conta com aproximadamente 95 alunos subdivididos em quatro turmas, sendo elas: maternal I e II, pré-escolar I e II.

As turmas do maternal, e do pré-escolar I funcionam em período integral, das 07h00min às 17h00min, e possuem em média 25 alunos em cada sala de aula. Já a turma do pré-escolar II, funciona apenas no período da tarde, de 13h00min às

17h00min, com aproximadamente 20 educandos em sala de aula. As turmas do maternal e do pré-escolar I contam com 2 professoras por turno, enquanto a turma do pré-escolar II possui apenas uma professora.

- **Recursos Humanos**

- A instituição possui um quadro funcional de 34 colaboradores. Entre estes um corpo técnico composto por 18 funcionários, divididos em: 4 cozinheiras, 8 funcionários de serviços gerais, 4 vigilantes, uma secretária e a gestora, e um corpo docente formado por duas orientadoras pedagógicas e 14 educadoras.

O plano de intervenção foi desenvolvido a partir dos resultados obtidos durante as observações feitas na instituição que ocorreram através de um levantamento junto às condições físicas da creche, sua dinâmica, o trabalho desenvolvido e os profissionais que atuam nesta instituição para que, a partir de então, pudessem identificar a demanda real deste meio educativo e construir uma proposta de intervenção articulada com as necessidades dessa realidade, de modo que a intervenção seja útil e possam promover mudanças significativas nesse contexto.

Nessa instituição, o levantamento da demanda evidenciou fragilidades nas relações interpessoais entre os atores sociais que fazem a instituição e a necessidade de inserção da afetividade nas atividades pedagógicas, apontando para a relevância da realização de um trabalho a partir de uma perspectiva coletiva e institucional. Desse modo, utilizou-se dos pressupostos teóricos da Psicologia Educacional Crítica, tendo como objetivo elaborar estratégias interventivas que buscassem promover melhorias nas relações socio afetivas que se estabeleciam na instituição.

A partir da análise da realidade em estudo, foi proposto o desenvolvimento de um programa de mudanças baseado no fortalecimento dos vínculos sociais e afetivos, este deverá incluir personagens que estão diretamente envolvidos no processo educativo, quais sejam: gestores, educadores, alunos e familiares.

Essa demanda foi evidenciada primeiramente no campo dos profissionais da educação, sendo possível em alguns momentos identificar certo distanciamento entre eles, notadamente, entre educadores e auxiliares de sala, que demonstraram não manter um diálogo cotidiano, trabalhando em grande parte do tempo sob a perspectiva da divisão efetiva das atividades.

Portanto, esta proposta de intervenção teve como finalidade a promoção de uma atuação em Psicologia Escolar que buscasse refletir e trabalhar com a importância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem e nas relações pedagógicas, tendo em vista que esta é fundamental no processo de educar, principalmente quando se trata da educação infantil, em que a creche e a pré-escola se configuram como tipo de extensão do lar da criança, cumprindo, portanto, a função de complementação no que refere-se aos aspectos afetivos.

- **AS SUPERVISÕES**

- As supervisões de estágio ocorriam duas vezes por semana, especificamente, na segunda-feira e terça-feira no período da manhã. Com duração de 04:00 horas

aula, esse espaço era dedicado a discussões teóricas e práticas, tendo como objetivo fundamental o trabalho nos seus respectivos campos de atuação.

Nesse espaço também existiu trocas de experiências das quais as demandas foram levantadas, sugestões explicadas pela supervisora do estágio e questionamentos a respeito da melhor forma de intervenção, sempre buscando uma boa relação com a comunidade escolar.

Constitui-se de um momento rico e de crescimento, a cada passo que era relatado as demandas e dificuldades, tornava-se uma troca de conhecimento. Desse modo, a supervisão é o momento de se repensar a prática, de se aprofundar sobre ela, de tentar acertar, mas de também buscar aprender com os erros. Em suma, é um espaço para a formação ética profissional.

3.1. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Esta sessão objetiva apresentar as intervenções realizadas na creche sob a visão da Psicologia Escolar Crítica. Estas buscaram atender a demanda inicialmente levantada, que se referia à necessidade do fortalecimento dos vínculos sociais e afetivos na instituição, considerando a pouca comunicação entre seus membros e a presença de relações fragilizadas. Nesse ponto de vista, o trabalho realizado procurou abarcar todos os atores sociais que se fazem presentes neste ambiente educativo, tendo em vista, promover melhorias nas relações sociais estabelecidas e na organização, de um modo geral.

A proposta de estágio em nenhum momento se mostrou restrita ou “fechada” apenas na temática das relações interpessoais e afetividade, pois ao passo, que surgiram novas demandas na creche, estas eram incorporadas em nossas atividades. Diante disso, foram realizadas nesse estágio intervenções nas salas de aula e/ou sala de leitura com os alunos, reuniões com professores, funcionários e familiares, além de intervenções pontuais que se davam ao longo de conversas informais, sugestões e participação na dinâmica da instituição.

3.1.1. INTERVENÇÕES REALIZADAS

A rotina de trabalho na instituição é diferente entre as turmas do maternal e pré-escola.

- **Maternais I e II**

-

O trabalho realizado com as crianças dos maternais teve como objetivo inserir a afetividade nas atividades pedagógicas, uma vez que, foi evidenciado no levantamento da demanda que as atividades propostas às crianças não se mostravam muito atrativas, além disso, as conversas com as professoras deixavam transparecer uma maior preocupação com os aspectos do cuidado, que também é importante, mas que não se constitui como a única finalidade da educação infantil. Assim, as intervenções com as turmas procuravam demonstrar a importância da afetividade enquanto mediadora do desenvolvimento cognitivo, apontando também a necessidade da criança se manter enquanto personagem ativo no processo educativo.

Dessa forma, as atividades realizadas versavam sobre a promoção de um ambiente lúdico na educação infantil, pautando-se na contação de histórias, na

utilização de fantoches, na encenação e na orientação de brincadeiras que conduzissem ao mundo da imaginação e da fantasia, aspectos esses, fundamentais para o desenvolvimento do sujeito.

Nesse seguimento, trabalhamos com a contação de histórias nas duas turmas separadamente, e ao final do ciclo os grupos foram convidados para um momento de brincadeira no pátio da instituição.

No maternal I foi realizada a leitura da história do livro “Duda adora pular” de Stephen Michael King, que é constituído de desenhos bem coloridos e expressivos e frases curtas. Foi utilizado fantoches de animais e da personagem Duda para animação da trama, as crianças demonstraram bastante interesse em participar do momento, e ao longo da leitura, procuravam sempre interagir com a personagem, se comunicando e perguntando algumas coisas a ela, tipo: “Você sabe pular? Então faz!”

Ao finalizar a história, deixamos as crianças manusearem os fantoches e foi observado que algumas brincavam pela sala e fazia perguntas, outras ficavam na frente do espelho, lugar bem disputado, onde podiam manusear (encenar) e visualizar o reflexo. E ainda foi pedido para cada criança falar sobre seu bichinho de estimação e seus nomes.

Em outro momento, na sala de leitura com o acompanhamento de suas professoras, proporcionou-se a contação de história com as crianças do maternal II. Tratou-se, na verdade, da encenação do Livro “Vira Bicho”, com a utilização de fantoches.

Foi montado um teatrinho no final da sala, onde escondidas manuseamos os fantoches, enquanto, a outra estagiária ficava sentada com as crianças e contava a história da personagem. As crianças participaram ativamente desse momento, respondendo todas as perguntas colocadas pela personagem Penélope e também buscando visualizar as figuras do livro. Ao finalizar a história, pediram para ver outros livros da sala de leitura, e algumas contaram também histórias mostrando as figuras para os coleguinhas.

- **Momentos de brincadeiras**

-

Foi proposto um momento recreativo e diferente com ambas as turmas, visto que, as professoras do maternal II haviam informado que as crianças estavam necessitando de atividades de movimento para que pudessem “gastar energia”.

Assim, planejamos um cronograma de brincadeiras coletivas e de movimentação para realizarmos junto com as crianças na hora do recreio, entre elas estavam a dança das cadeiras, amarelinha, jogo de bexigas, boliche, entre outras. Nestes eventos solicitamos a ajuda da equipe de apoio para organizar o ambiente, instalando o som para animar o momento e deixá-lo bem mais interessante.

- **Pré-escolares I e II**

-

As intervenções realizadas com as crianças dos pré-escolares apresentavam objetivos distintos das dos maternas, uma vez que se encontravam em fases diferentes do desenvolvimento e as dinâmicas das salas também apresentavam suas particularidades.

Desse modo, as intervenções nessas turmas abarcavam objetivos através da contação de histórias, da análise e intervenção das mesmas (moral da história) e também da elaboração de atividades em grupo.

Foi realizado na sala do pré-escolar I junto com as educadoras alguns momentos de contação de história, baseados na questão dos valores.

Destaco, especialmente esta: Contação da história, “O que cabe no meu mundo, SOLIDARIEDADE” (Kátia Trindade), foi contada por uma das educadoras. Ela formou um círculo com os alunos e contou muito entusiasmada a história, mostrando as imagens às crianças e adaptando-se bem a linguagem dos seus alunos.

Nessa atividade a participação como estagiária foi na função de auxiliar a educadora nas reflexões que podiam ser produzidas com a temática; participando da contação da história e ao final geramos uma espécie de roda-de-conversas, onde perguntávamos as crianças o que elas entendiam por solidariedade após ouvir a história, quais eram as suas opiniões sobre o tema abordado, e como essa podia ser praticada. Nesse momento, percebemos que elas conseguiram aproximar mais o conceito de sua realidade, uma vez que, alcançaram respostas, como: “é quando eu lavo os pratos pra minha mãe”, “quando cuido do meu avô que tá doente”, “quando dou comida ao meu cachorro”, entre outras inúmeras falas. Dessa forma, ressalta-se o importante papel da mediação no desenvolvimento infantil.

Percebeu-se nessa turma que uma das professoras de fato gostava muito de contar histórias e contava de maneira bem dinâmica e interessante, entretanto, não se mostrava habituada a fazer a reflexão das histórias com os alunos, sendo estas consideradas apenas em seus aspectos pedagogizantes, o que por si só já limita a expressão dos alunos.

Planejamos algumas orientações em relação as interpretações das histórias, tentando estimulá-la para que esta trabalhe em suas atividades pedagógicas aspectos relacionados a interpretação.

A turma do pré-escolar II foi a que deu maior abertura para realizar o trabalho, tendo em vista que, a professora desde o início se colocou com parceira no estágio, pois acreditava na importância das contribuições da atuação do psicólogo no contexto da educação infantil e sempre ressaltava isso.

Nessa perspectiva, foram realizadas diversas intervenções na sua sala, quase todas com a sua ativa participação. Entre elas a elaboração de um robô de materiais recicláveis, onde a professora pediu para auxiliá-la na confecção que seria em função da amostra pedagógica que foi realizada na instituição. O convite aceito foi explicado a mesma que a intervenção teria um objetivo além da confecção em si, pois seria trabalhado durante a elaboração conceitos como criatividade e cooperação.

Assim, para a realização do trabalho, dividimos a sala em grupos para facilitar a atividade e também a conversa e reflexão entre o grupo. Desse modo, ao longo do trabalho de cobertura das caixas solicitávamos a ajuda de algumas crianças para cortar os papéis e outras para auxiliar na colagem, sendo possível observar que elas pareciam já trabalhar bem em grupo, pois não tiveram desentendimento em momento algum.

Ao final das colagens, em cada grupo, refletimos e questionamos os alunos acerca das dificuldades e facilidades do trabalho em equipe (“Como foi trabalhar com os coleguinhas? Foi fácil ou difícil? Gostaram ou não?”), nesse momento, percebemos que as crianças gostaram e se mostraram bem ativas no processo.

Dessa maneira, conseguimos trabalhar com as mesmas a importância do trabalho em grupo e da ajuda mútua nas construções que são realizadas e, sala, podendo essa noção ser também ampliada para outras situações da vida delas.

- **Intervenção com as educadoras**

-

Com base nas discussões anteriores, percebe-se que o trabalho com os alunos implicava também em observações e intervenções cotidianas junto com às educadoras.

Nesse segmento, buscou-se a participação das educadoras nas intervenções, planejando aproximá-las de uma perspectiva afetiva na convivência com seus alunos e além disso motivá-las para o desenvolvimento de atividades pedagógicas “diferenciadas” que causassem interesse e prazer nos alunos ao realizarem. Dessa maneira, fez parte das atividades de estágio: a escuta das necessidades das professoras, a orientação de atividades frente às demandas apresentadas e a realização de intervenções conjuntas.

A partir dos resultados apresentados das observações realizadas na instituição foi apresentada a proposta de estágio e as demandas levantadas, e assim, disponibilizamos uma “caixa de ideias” na secretaria, onde as professoras poderiam deixar suas opiniões, críticas e sugestões para o desenvolvimento do nosso trabalho na instituição. Além disso, combinamos a garantia do sigilo, explicando que o material recolhido só poderia ser visualizado por nós (estagiárias) e por nossa supervisora, podendo se sentirem à vontade para expor suas necessidades, inquietações e sugestões. A importância da participação de cada uma nesta ocasião, visto que procuraríamos trabalhar com as demandas por elas mesmas levantadas, ou seja, trataria de assuntos relevantes para o desenvolvimento do seu trabalho.

As sugestões que pedimos para colocar dentro da “caixa de ideias” que estava na secretaria tinha sido o ponto de partida para nossa intervenção, e que de lá saíram os principais assuntos a serem discutidos. Enfatizando a importância da participação de todas para colocarmos o projeto em prática.

A equipe foi bastante participativa na reunião, verificou-se que a mesma possui uma grande capacidade de mobilização e de consciência crítica. A leitura dessas demandas, foi evidenciada a predominância de questões referentes as relações interpessoais, a comunicação e a afetividade no ambiente educativo.

Diante dessas demandas foi organizada uma roda-de-conversa, onde as professoras comentaram que as dificuldades de relações interpessoais não estavam ligadas a equipe de professoras, mas a equipe da instituição como um todo, incluindo os profissionais de apoio. Estas pontuaram a existência de um conflito velado entre os dois grupos de funcionários (educadores e apoio), ratificando que todos precisariam entender que a equipe é formada por todo mundo e que todos precisavam se engajar em um objetivo comum na creche.

Quanto às sugestões o que emergiu foi de um trabalho com respeito e da cooperação entre a equipe, percebemos que sobressaiu a questão do respeito, onde muitas disseram que este é essencial tanto nas relações familiares, como nas amizades e no trabalho. Sugeriram também realização de encontros com a equipe de apoio, para que possamos ouvir a “fala” dos dois grupos e nessa reunião esclarecer para eles que o trabalho na creche depende de todos igualmente.

- **Intervenções com a gestora e os funcionários**

-

Partindo do pressuposto de que a principal demanda levantada na creche referia-se a questão das relações interpessoais, buscamos envolver em nossas atividades a gestora e os funcionários que atuam na instituição, uma vez que, as

melhorias nas relações afetivas só seriam possíveis se todos os agentes sociais estivessem implicados nesse compromisso.

A gestora foi de extrema importância no trabalho realizado, sempre contribuiu com as atividades realizadas, apresentando demandas, falando de sua experiência já vividas na creche, das relações estabelecidas com a comunidade e de situações que muitas vezes lhe incomodava enquanto profissional responsável por administrar a instituição, visto que à falta de comunicação entre os colaboradores repercutia diretamente no desenvolvimento da creche. De certa forma, as intervenções buscaram atender algumas demandas que eram por ela apresentadas. Além disso, manteve envolvida com as reuniões realizadas, os primeiros encontros foram marcados através da sua ajuda em organizar os horários, datas e avisos (cartazes, convites) e sempre procurava agendar a data para as intervenções, de forma, que não prejudicasse o calendário escolar da creche. Os funcionários de apoio sempre estavam dispostos a ajudar na organização e na montagem de equipamentos (Datashow, som) e arrumação do espaço onde seria realizada a intervenção.

Quanto aos funcionários de apoio, tivemos a realização de uma reunião que foi abordado o tema: O papel do Educador, tendo como objetivo refletir sobre a importância das relações interpessoais no trabalho e problematizar o papel do educador em uma perspectiva mais ampla.

O encontro se deu por meio de uma roda-de-conversa em que conversamos sobre a importância do ser educador, de suas atitudes com as crianças e os colegas de trabalho que refletiam na educação daquelas crianças e que muitas vezes eles substituíam o papel dos pais, por passarem mais tempo na creche do que em suas casas com as famílias, a partir de um diálogo bem claro, onde investigamos o que os funcionários compreendiam acerca do trabalho do psicólogo em uma instituição educativa, e estes apresentavam respostas como: “observam as crianças”, “ajudam os professores nas atividades com os alunos que tem problema”, entre outras respostas do tipo.

Então, explicamos que de fato existem intervenções com os alunos que podem ser realizadas em auxílio as atividades pedagógicas, mas que a intenção do nosso estágio tinha objetivos bem mais amplos, apresentando a proposta de trabalhar com todos os colaboradores da creche, mais especialmente com a questão das relações interpessoais entre a equipe.

Desse modo, surgiu uma discussão, onde estes expressaram a necessidade deste trabalho e muitos comentaram sobre as dificuldades de comunicação existentes entre eles e as educadoras. O grupo afirmou que em alguns casos se sentem desrespeitados, pois as educadoras tomam certas decisões que envolvem eles, sem ao menos pedir suas sugestões, como por exemplo: confraternizações e datas comemorativas na creche. Além disso, falaram sobre questões dos cumprimentos diários, como “bom dia”, “bom final de semana”, colocando que muitas vezes se sentem invisíveis diante dessas situações.

Ao final, frisamos no encontro que todas essas questões estavam sendo também trabalhadas com a outra equipe (educadoras) e que necessitávamos da contribuição de todos para que pudéssemos alcançar melhorias nas relações entre as duas equipes. Então, algumas funcionárias comentaram que somente a iniciativa de um momento dedicado a eles enquanto funcionários, que na maioria das vezes, não eram vistos pelos estagiários de Psicologia, já era uma forma de fazer com que eles aderissem e se engajassem na busca de mudanças para aquela realidade. Agradeceram-nos por termos possibilitado um momento de expressão e de escuta,

pois ressaltaram que nunca nenhum estagiário da instituição havia se interessado pelo trabalho dos funcionários.

Conseqüentemente, o trabalho realizado com a gestão e os funcionários, teve como objetivo demonstrar que estes possuem um papel significativo no processo educativo e contribuem diariamente para o desenvolvimento das crianças, não apenas com funções articuladas a higiene e alimentação, mas também enquanto figuras sociais, eu muitas vezes, são tomadas como referências pelas mesmas. Além disso, as intervenções realizadas buscaram também possibilitar a reflexão sobre as relações interpessoais e importância desta para o desenvolvimento de um trabalho de qualidade.

- **Intervenções com as famílias**

- Considerando que a criança deve ser compreendida em sua totalidade e que o contexto social e afetivo exerce inúmeras influências sobre seu aprendizado e comportamento, evidenciou-se no estágio a necessidade de conhecer as famílias das crianças matriculadas na creche, tendo em vista, discutir sobre a importância da parceria família-creche.

No que diz respeito à relação com a família, as professoras destacaram como uma relação difícil, devido à ausência dos pais junto à comunidade escolar, como a falta de compreensão da função da Educação Infantil, que leva as professoras a não se sentirem valorizadas, a necessidade da realização de um trabalho com a comunidade, no que se refere à conscientização da importância do professor e do respeito ao trabalho docente.

Juntamente com a gestora organizamos a realização de um encontro com os pais. Apesar das dificuldades em trazê-los até a instituição, já que muitos por trabalharem não disponibilizaram de tempo. A presença de alguns pais e responsáveis foi de extrema importância. Foi realizado um encontro com os familiares das crianças, contando também com a presença da gestora, onde, recepcionou os familiares e falou um pouco sobre o trabalho que vinha sendo desenvolvido na creche na perspectiva da Psicologia.

Assim, realizamos as devidas apresentações sobre nossa trajetória na creche e sobre o trabalho do Psicólogo Educacional na perspectiva institucional, solicitando, em seguida, que os familiares se apresentassem e falassem o nome dos filhos e da turma em que estudavam. Essa apresentação foi importante para “quebrar o gelo”, de modo que, estes se sentissem mais à vontade para conversar e compartilhar suas opiniões.

Tivemos como objetivo principal promover um espaço para uma reflexão sobre aspectos do desenvolvimento infantil, procuramos esclarecer as dúvidas apresentadas por algumas mães, relacionadas ao desenvolvimento e a aprendizagem da criança e destacamos a importância do acompanhamento dos familiares na vida escolar dos filhos. Também explicamos o trabalho do psicólogo escolar dentro da instituição, esclarecendo também as dúvidas apresentadas pelos pais e responsáveis. Dessa maneira, houve uma maior integração destes com a instituição e com isso maiores possibilidades de conhecer como a educação se processa no ambiente escolar e nos diversos âmbitos em que a criança está inserida.

A intervenção realizada junto aos familiares versou sobre uma perspectiva de conscientização, onde se buscou ressaltar que esta também é responsável pela

educação das crianças, sendo a parceria família-creche fundamental para que estas últimas consigam se desenvolver adequadamente no campo cognitivo e emocional.

4. DADOS E ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA

Desde o início dos tempos houve a necessidade de aperfeiçoar o processo de ensino-aprendizagem, que é essencial para o desenvolvimento humano, pois passa por várias etapas e fases da vida. Não se trata de um papel fácil de ser desenvolvido, já que depara com uma série de fatores que pode desafiar o cotidiano do psicólogo constantemente.

O desenvolvimento da proposta de estágio na Creche Municipal Zeferina Gaudêncio considerou como principal fundamento os pressupostos da concepção crítica em Psicologia Escolar, pois está se mantendo em constante questionamento a respeito do papel e das finalidades do psicólogo educacional no seu âmbito de atuação, possibilitando a reflexão acerca da prática diante das demandas educativas e sociais que se apresentam no contexto educacional.

A proposta de intervenção teve como base as demandas registradas no diário de campo ao longo do período de observação. Esses registros foram de fundamental importância para a identificação das demandas, pois apontaram como se estabelecem as relações sociais na instituição, bem como o desenvolvimento do trabalho educativo.

Essa perspectiva expressa que o trabalho do psicólogo educacional deve estar em íntima ligação com as necessidades reais de seu contexto, desse modo, é a análise do campo de observação que lhe permitirá encontrar os caminhos por onde poderá delinear suas estratégias de atuação. Vale salientar, que estas estratégias deverão fundamentar-se no compromisso da psicologia com a cidadania e com a transformação da realidade social. (MEIRA, 2003).

O momento de inserção na creche e pré-escola Zeferina Gaudêncio foi permeado por inúmeras dificuldades, principalmente pelo fato de que na instituição não havia um psicólogo. Para conquistar a confiança das professoras houveram adversidades, pois elas já possuíam uma impressão que o psicólogo seria um profissional desnecessário, que entra na instituição apenas para vigiar os educadores nos procedimentos com as crianças e isso foi motivo de resistência por parte de algumas educadoras no que dizia respeito à aceitação de intervenções a serem realizadas em sala de aula. Havendo uma certa desconfiança, principalmente, no que se referia à aceitação de uma proposta de estágio em Psicologia Escolar baseada em uma atuação de caráter coletivo e institucional.

Por muitas vezes, o trabalho realizado foi comparado com a da estagiária anterior, que apresentou um perfil diferenciado de atuação, pelo trabalho ser mais individual, com as crianças e com familiares. Nesse sentido, as expectativas dos atores sociais da instituição em relação às contribuições giravam em torno de um trabalho clínico, de atendimento específico a algumas crianças, consideradas na creche como “problemáticas”.

A falta de compreensão sobre a verdadeira função do psicólogo educacional, que continua para muitos, sendo um trabalho clínico, ou até mesmo um auxiliar da disciplina ministrada pelo professor. Atualmente, verifica-se que o psicólogo brasileiro não mais trabalha somente diante das dificuldades que surgem, mas também na prevenção de possíveis problemas relacionados ao desenvolvimento infantil (Martins, 2003), no contato com os profissionais da escola e com os pais sobre a criança; no acompanhamento do desenvolvimento na escola; escuta da

equipe pedagógica; participação das atividades desenvolvidas com as educadoras; acompanhamento e orientação às estagiárias de psicologia na escola; suporte às educadoras na rotina escolar; conhecimento do espaço físico, rotina e os funcionários.

A partir da análise da realidade em questão, o desenvolvimento de um programa de intervenção alicerçado no fortalecimento dos vínculos sociais e afetivos, este que incluíram personagens que estão diretamente implicados no processo educativo, quais sejam: gestores, educadores, alunos e pais. Essa demanda foi evidenciada primeiramente no âmbito dos profissionais da educação, sendo possível em alguns momentos, identificar certo distanciamento entre eles, notadamente, entre educadoras e auxiliares de sala, que demonstraram não manter um diálogo cotidiano, trabalhando em grande parte do tempo sob a perspectiva da divisão das atividades. Além disso, a necessidade de incluir a questão da afetividade nas atividades realizadas com as crianças, tendo como objetivo melhorar a relação professor-aluno e aluno-aluno.

Nesse caso, foi observado que as atividades recreativas da instituição não têm explorado esse aspecto, ou seja, esta não tem desenvolvido momentos onde as crianças se sintam livres para expressarem seus sentimentos, emoções, satisfação, criatividade e alegria. De acordo com a teoria de Wallon, a afetividade influencia significativamente no processo de desenvolvimento cognitivo da criança, além do mais, as emoções se configuram como uma das formas mais primitivas de comunhão e de participação mútua (MAHONEY & ALMEIDA, 2005). Desse modo, a estimulação de brincadeiras tendo em vista a expressão das emoções implica, necessariamente, na construção de melhores condições de socialização.

Ainda sobre esse aspecto, Vygotsky, em sua teoria, aponta que a compreensão do pensamento humano só é possível quando conseguimos reconhecer suas bases afetivo-emocionais, pois estas se influenciam, fazendo emergir os processos vinculados ao pensamento (GASPAR & COSTA, 2011).

Nessa perspectiva, o trabalho foi um pouco diferenciado, mas manteve-se a questão da afetividade nas atividades propostas, pois é essencial em todas as fases do desenvolvimento. Quando observamos as crianças, percebemos que cada idade se diferencia por uma sensibilidade seletiva frente a diferentes tipos de ensino ou influência de adultos. Na realidade, nesses períodos se explica pelo fato de que o ensino influencia principalmente aquelas características que estão em processo de formação.

Com as demandas levantadas procurou-se trabalhar junto às professoras; as relações sociais e afetivas durante os momentos de recreação e nas atividades desenvolvidas em sala de aula, pretendendo orientá-las para integrar as crianças cada vez mais em atividades grupais, um dos principais objetivos foi construir estratégias para melhorar o dia-a-dia na creche, onde as crianças passavam a maior parte do seu dia; estratégias as quais foram: brincadeiras, o interesse pela leitura, interpretação, comunicação.

No entanto, essas situações foram sendo superadas com o tempo, conforme as intervenções eram realizadas e os vínculos sociais se estabeleciam. O momento de reflexão oferecido às professoras repercutiu diretamente nessas mudanças, visto que estas passaram a depositar maior confiança no trabalho desenvolvido. Além disso, percebeu-se modificações nas relações estabelecidas entre elas, uma vez que, o horário da recreação das crianças passou a ser utilizado como momento dedicado a conversas e risadas, diferenciando-se da situação que havia encontrado, onde as mesmas se mantinham bem distantes umas das outras.

O trabalho realizado com a gestão e os funcionários, teve como objetivo demonstrar que possuem um papel significativo no processo educativo e contribuem diariamente para o desenvolvimento das crianças, estes foram incorporados a proposta de melhoria nas relações interpessoais, a partir da própria relação construída, em caráter de igualdade e de atenção as suas demandas. Dessa maneira, o momento do cafezinho na área de serviço foi essencial para discussões reflexões surgissem.

No encontro com a família, foi destacado a grande dificuldade de comunicação e encontros com os pais e foi possível perceber que foram poucas as mães que se mostraram envolvidas com a aprendizagem dos filhos. A intervenção realizada junto aos familiares versou sobre a conscientização e reflexão sobre a importância da família no desenvolvimento da criança, sendo a parceria família-creche, um fator de grande influência para o trabalho na Educação Infantil, onde construir uma relação com a família é essencial e de grande importância para alcançar os objetivos propostos.

Portanto, compreende-se que apesar das dificuldades de adaptação encontradas no início, a prática foi demonstrando a importância da atuação do Psicólogo Escolar. Ademais, a única dificuldade que se manteve persistente até o final do estágio foi a de marcar dias e horários para as intervenções com todos os colaboradores, visto que, envolvia questões relacionadas ao cumprimento do calendário escolar.

Conseqüentemente, essa proposta de intervenção foi de fundamental importância para que a creche Zeferina Gaudêncio possa continuar cumprindo a sua função social, que está intimamente vinculada ao cuidado, à educação e ao desenvolvimento infantil. A temática das relações sociais nesse espaço educativo adquire relevância a partir do momento que percebemos que este tipo de instituição não se limita apenas a facilitação dos processos envolvidos na construção do conhecimento, mas também se compromete com a formação do sujeito enquanto cidadão. Na realidade, a creche se constitui como uma das primeiras instâncias socializadoras em que a criança tem a oportunidade de se inserir, desse modo, os educadores são, em muitos casos, tomados como exemplos, havendo, portanto, a necessidade da construção de padrões de relacionamentos saudáveis, fundamentados na afetividade e no cuidado, de forma que, possibilitem as crianças maiores patamares de confiança e apoio, garantindo assim, saltos positivos em seu desenvolvimento cognitivo e social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas de estágio desenvolvidas na creche Zeferina Gaudêncio tiveram como eixos norteadores os pressupostos teóricos da Psicologia Escolar Crítica e as demandas identificadas na realidade da creche durante o período de observação. Diante disso as intervenções partiram de uma perspectiva institucional e buscaram promover melhorias nas relações sócio afetivas entre os atores sociais que constituíam a instituição.

Os objetivos da proposta inserida através do trabalho realizado na sala de aula com as crianças juntos as professoras foram atingidos. Destacando-se a importância das relações interpessoais no ambiente educativo, posto que, com o desenvolvimento dos processos comunicacionais houve diversas mudanças nas relações entre os colaboradores e estas repercutiram diretamente na melhoria do clima organizacional e na qualidade do trabalho desenvolvido.

No que se refere à relevância da afetividade enquanto aspecto propulsor do desenvolvimento cognitivo e emocional foi possível observar que a partir das intervenções realizadas, utilizando a ludicidade no processo educativo, as crianças passaram a demonstrar maior interesse pelas atividades pedagógicas, de modo que, as educadoras começaram a incorporar gradativamente aspectos da afetividade em suas práticas.

Diante desses resultados, evidencia-se a importância dos psicólogos escolares ampliarem suas práticas nas instituições educativas, tendo em vista, atuar como agente de transformações coletivas e institucionais, contribuindo de maneira ainda mais significativa para o processo educativo e promovendo bem-estar social e qualidade de vida no trabalho e ainda desmistificando a ideia que preexistia na creche de que este profissional atuaria apenas com os alunos considerados “problemas”.

Por fim, o estágio proporcionou uma experiência enriquecedora e fundamental para formação acadêmica, uma vez que, foi possível aperfeiçoar os conhecimentos adquiridos ao longo da graduação através da articulação com a prática, podendo ainda construir para o desenvolvimento de uma instituição de ensino público. Além disso, esta permitiu desmistificar uma série de estereótipos construídos em relação à atuação do Psicólogo Escolar, como aquele solucionador dos “problemas” das crianças, pois o enfoque deste trabalho teve objetivos mais amplos e abarcou todo o coletivo escolar.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. R. S. **A afetividade no desenvolvimento da criança**. Contribuições de Henri Wallon. Revista da Faculdade de Educação da UFG, vol. 33, n.2, p. 343-357, 2008.

ALMEIDA, S. F. C. (1999). **O psicólogo no cotidiano da escola: resignificando a atuação profissional**. In R. S. L. Guzzo (Org), Psicologia Escolar: LDB e educação hoje. (pp. 77-90). Campinas: Editora Alínea, 77-90.

ANDRADA, E. G. C. de. **Novos paradigmas na prática do psicólogo escolar**. Psicologia: Reflexão e Críticas, v. 18, n. 2, p.196-199, 2005.

ANDRADA, E. G. C. Sugestões práticas: **Focos de intervenção em psicologia escolar**. Psicologia Escolar Educacional (Impr.)[online], Santa Catarina, vol. 9, n. 1, p. 163-165, 2005.

ANTUNES M.A.M. Psicologia e educação do Brasil: um olhar Histórico-Crítico. In.: MEIRA, M.E.M; ANTUNES, M.A.M. (Orgs.). **Psicologia escolar: teorias críticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. P. 139- 168.

BARBOSA, R.M; MARINHO-ARAÚJO, C.M **Psicologia escolar no Brasil: considerações e reflexões históricas**. Estudos de Psicologia I Campinas I, v. 27, n.3, p. 393-402, 2010.

BARBOSA, D.R; SOUZA, M.P.R. de **Psicologia educacional ou escolar? Eis a questão**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP, v. 16, n.1, p. 163-173, jan./jun.2012.

BALDIN, L.S.A. **Quando a creche é lugar de desenvolvimento de gente grande**. In.: Rossetti-Ferreira et. al (Org.). Os afazeres na Educação Infantil, 2011.

CAMPOS, A.P.S.F.M **O Psicólogo Escolar e a Educação Infantil: um olhar sobre a inserção desse profissional nas escolas de Brasília**. Dissertação de Mestrado Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2001.

DELVAN, J. S., RAMOS, M. C., & DIAS, M. B. (2002). **A Psicologia escolar/educacional na educação infantil: O relato de uma experiência com pais e educadoras**. Psicologia Teoria e Prática, 4(1), 49-60

DROUET, R. C. R.(1997). **Fundamentos da educação pré-escolar**. 3. ed. São Paulo: Ática.

FACCI, M.G.D.; EIDT, N.M **Formação do psicólogo para atuar na instituição de ensino: a queixa escolar em questão**. In.: AZZI, R.G; GIANFALDONI, M.H.T.A. (Orgs.) Psicologia e Educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

Guzzo, R. S. L. **Novo paradigma para a formação e atuação do Psicólogo Escolar no cenário educacional brasileiro**. Em R. S. L. Guzzo (Org.) Psicologia Escolar: LDB e educação hoje. 2. ed. Campinas: Alínea, 2002.

GUZZO, R.S.L et al. **Psicologia e educação no Brasil: Uma visão da história e possibilidades nessa relação.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, V. 26, p. 131-141, 2010.

JOLY, M. C. R. A.. A formação do psicólogo escolar e a educação no terceiro milênio. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v. 4, n. 2, Dec. 2000.

MALUF, M.R; CRUCES, A.V.V. **Psicologia educacional na contemporaneidade.** Boletim Academia Paulista de Psicologia, p.87-99,2008.

MACARINI, S. M.; MARTINS, G. F. e VIEIRA, M. L. **Promovendo saúde e desenvolvimento na educação infantil: uma atuação da Psicologia.** Paidéia (Ribeirão Preto) [online]. 2009, vol.19, n.43, pp. 231-237. ISSN 0103-863X.

MELLO, T.; RUBIO, J.A.S. **A importância da Afetividade na Relação Professor/Aluno no processo de Ensino/Aprendizagem na Educação Infantil.** Revista Eletrônica Saberes da Educação. Volume 4, nº 1,